que escola?

Nina Virgínia de Araújo Leite

Deveríamos poder compreender que as coisas são sem esperança e, entretanto, estamos decididos a mudá-las.

F. Scott Fitzgerald

introdução

Ao convite para falar sobre o tema "A Escola necessária", retruquei com o título que mantenho, não sem um certo temor: "Que escola?". Várias razões justificariam a minha resposta, mas nenhuma suficiente para indicar o nó da questão. Aceitar o desafio que essa resposta lançou surge, então, como uma oportunidade para compartilhar o trabalho de diz-(des)atá-lo.

Em uma primeira abordagem, pode parecer ousadia questionar de que Escola se trata, uma vez que a referência ao ensino de Jacques Lacan poderia, ou quem sabe até mesmo deveria, funcionar como o fio vermelho que tece o pano de fundo de uma "comunidade" analítica a nos congregar. Entretanto, para que se transforme de virtualidade suposta a uma comunidade de trabalho, há que tratar as diferenças e tratar com elas. Deste modo, é possível insistir na pergunta "Que escola?" quando não se pretende atribuir função de ideal (preceitos) aos dispositivos inventados por Lacan ao fundar a Escola Freudiana de Paris, nem tampouco sustentar o fantasma de uma instituição que fosse toda/una/única. É justamente o trabalho realizado pela interrogação dos dispositivos que pode nos colocar na via de retomar com dignidade a tarefa que se espera daqueles que, desde Freud, seguindo Lacan, responsabilizam-se pela transmissão da psicanálise.

O que assim se renova é a pergunta quanto ao que faz obstáculo à comunidade de analistas e nos impõe reconhecer o movimento de dispersão e conjunção dos analistas, tão bem apontado, entre outros, por Erik Porge[1] como efeito do ensinamento de Lacan, identificando neste movimento uma lógica própria, à espera de uma teorização conseqüente.[2] O que essa pulsação dispersão/conjunção, que anima o movimento lacaniano desde 1981 quando da dissolução da

[1] Porge. Dispersion et rassemblements des analystes, p.7-14.

[2] "Qualquer que seja a *Massenpsychologie* que rege a IPA, nós devemos então formular as regras de uma Essaimpsychologie própria ao movimento lacaniano, e sendo quase o inverso da primeira".

Escola Freudiana de Paris — pulsação na qual a dispersão coloca-se como a verdade da conjunção, e reciprocamente —, pode nos ensinar quanto ao próprio da transmissão da/na psicanálise e que efeitos podem daí se depreender quanto à escola necessária?

É neste ponto que a manutenção da pergunta "Que escola?" pode recompensar a ingenuidade de uma aparente ousadia. Pois partir do reconhecimento de um movimento de dispersão e conjunção dos analistas lacanianos como fato estrutural próprio da transmissão da psicanálise fundamenta-se na hipótese de que não há cisão (que seria sustentada por uma contestação da legitimidade da autoridade que representa a doutrina a transmitir) no interior do movimento lacaniano, mas tão-somente separações relativas umas às outras, não havendo "nem doutrina unificada, nem autoridade legitimamente reconhecida". Segundo Erik Porge, a cisão originária de Lacan com a IPA teria engendrado um movimento que não permitiu outras cisões — as separações constituindo, então, a repetição de algo de um ato originário. Duas questões podem ser adiantadas: seria este, ainda, o quadro da situação da psicanálise em 2001? Na eventualidade de uma resposta afirmativa, que especificidades são introduzidas neste quadro quando atentamos para a particularidade da situação da psicanálise no Brasil?

Do conjunto de indagações que essas perguntas por si só levantam, destaco a seguinte para abordar, segundo a afirmação colocada pelo tema da mesa, a vertente logicamente necessária da Escola (e aqui é importante salientar que a vertente de uma leitura lógica impõe-se pelo fato de não se tratar de algo que respondesse pela essência de Escola, mas de poder sustentar a sua existência lógica): se a Escola, enquanto lugar de formação, foi definida por Lacan como "o organismo onde deve cumprir-se um trabalho (...) cujo objetivo é indissolúvel de uma formação a ser realizada",[3] como lidar hoje com o fenômeno da dispersão-conjunção, que caracteriza o movimento dos analistas lacanianos de forma a construir os laços de trabalho indispensáveis para que a pesquisa, a transmissão e a circulação do trabalho se efetivem? Pois sabemos que não é qualquer forma de agrupamento que convém ao objetivo fixado pela Escola e, mais do que isso, sabemos que o modo de inserção em um coletivo não deixa de ter relação com as questões fundamentais em jogo na transmissão na psicanálise, na condução das análises, etc... Dito de outro modo: o que é a Escola no quadro da pulsação dispersão-conjunção?

[3] Lacan. Ata de Fundação, p.17.

um lugar portador de escola

Partimos, então, da constatação, assinalada já por vários autores, de que a cissiparidade que habita a comunidade dos analistas lacanianos não é fortuita, mas revela mesmo um dos paradoxos da transmissão da psicanálise indicados por Lacan. Longe de constituir um defeito ou algo a ser erradicado, cumpre incluí-la quando pensamos o que seria o necessário da Escola em jogo na transmissão da psicanálise. A conseqüência mais imediata desta situação é considerar um limite temporal atuando no funcionamento da instituição analítica. Nada a surpreender se lembramos a característica fundamental do dispositivo do cartel, que tem um tempo de duração; nem tampouco seria alheio ao dispositivo do passe, que opera sustentando-se no trabalho de um coletivo particular que integra três lugares ocupados por membros de uma instituição ou engajando membros de outras, revelando, deste modo, um limite espacial para a instituição analítica, como está indicado no artigo de Alain Vanier[4] e colocado em ato na proposta de constituição de um lugar que, comum a pelo menos duas associações existentes, funcione como um "lugar portador de Escola", proposta sustentada por Erik Porge em 1998.

[4] Cf. Vanier. Encore, l'institution?, p.77-83.

Com isto, estaríamos destacando pelo menos o cartel e o passe como os elementos fundamentais que permitiriam ligar, perfurando, o funcionamento de uma associação de membros pelos dispositivos de Escola. É possível distinguir, segundo a indicação de Porge, "a associação de membros cujo funcionamento (...) é regido por regras mais ou menos democráticas e a escola de psicanálise que constitui um *a-mais* portador de um jogo doutrinal e cujo funcionamento não é submetido às mesmas regras — em particular de poder — que aquelas da associação".[5] Mas, se essa proposta é esclarecedora, ela tampouco dá por resolvidos os impasses da/na transmissão, uma vez que um trabalho entre as associações deveria ainda ser realizado para explicitar a suposta unidade doutrinal. Deste modo, justifica-se recolocar a questão "Que escola?": estaria aqui sustentada neste entre-lugar?

[5] Porge. Dispersion et rassemblements des analystes, p.7-14.

o necessário, o contingente e o não-todo da transmissão

Em 1978, na conclusão do congresso da Escola Freudiana de Paris, Lacan afirmou que a psicanálise é intransmissível, comentando: "é muito entediante que cada psicanalista seja forçado — visto que é necessário que ele seja forçado a isso — a re-inventar a psicanálise".[6] Tratava-se, de ao mesmo tempo,

[6] Lacan. *Lettres de l'École.*

indicar os limites do dispositivo do passe para recolher testemunhos sobre o modo como alguém torna-se psicanalista e circunscrever um ponto de intransmissibilidade, lugar de inscrição de um impossível, real que se aloja na estrutura mesma do desejo do analista.

Há diferentes modos de leitura dessa constatação: há, evidentemente, aqueles que tomam este fato a prova irrefutável de uma impossibilidade de recolher, pelo saber, algo da verdade da transmissão do desejo do analista: desistência que pode lançar-nos no campo do inefável; há outros que escolhem incluir tal fato como mais uma demonstração das imperfeições do dispositivo, da carência das pessoas, dos interesses políticos, etc... Mas, sem negar as interpretações anteriores, há também a possibilidade de incluir esse fato na conta da demonstração do real em jogo na transmissão. Adotar essa perspectiva implicaria em oferecer um tratamento, pela contingência, do impossível da não inscrição. Se isto é possível de ser sustentado, então não seria indicado pensarmos a Escola tão-somente no lugar do necessário, mas, sim, circunscrevê-la como associada à emergência da contingência.

Sabemos identificar, a partir do ensino de Lacan, duas modalidades de não-todo: uma que se refere ao enunciado de exceção, o lugar do "ao menos um", que, estando fora da esfera da lei, pode, então, fundar sua circunscrição. Responde pela categoria do necessário e inaugura o campo do masculino, onde uma totalidade conforma-se à lógica da exceção. A outra modalidade, do contingente, escreve o não-todo que indica uma incompletude que habita o coração mesmo de toda e qualquer enunciação. Associado à escrita do impossível — não existe nenhum que não se inscreva no campo da vigência da lei —, vem delinear o domínio do feminino. Se o primeiro assenta-se em um enunciado de exceção para fundar uma totalidade, o segundo inscreve-se no limite intransponível entre enunciado e enunciação, o resto que opera como causa do desejo. Deste modo, se o não-todo da exceção é associado com o lugar do pai e descreve de modo suficientemente claro a lógica de um funcionamento de grupos ou associações, à medida que se funda sobre o modelo identificatório, relevando a referência ao Nome do Pai, não seria oportuno pensar a lógica implicada na Escola como tributária da contingência que apenas o questionamento do sujeito suposto saber pode produzir?

Do necessário dos coletivos/grupos/associações à contingência de um funcionamento da lógica implicada na Escola, não poderíamos reconhecer um movimento paralelo

ao que opera no desenrolar de uma análise em que do necessário amor de transferência o sujeito pode ver revelada a contingência da causa que o fende?

Encontramos no trabalho de Diana Rabinovich uma indicação congruente com essa proposta: "Quando essa contingência é revelada [refere-se aqui ao momento em que aparece a contingência corporal pela qual amamos alguns sujeitos e não outros], esse momento de passe do necessário ao contingente, esse momento é aquilo que o passe busca conservar, recuperar, assim como seu resultado, essa contingência que estava por trás do necessário do amor de transferência, que Lacan na Proposição de outubro denominava de referente latente. O referente latente é eminentemente contingente por estrutura, não por decisão de ninguém, mas porque a estrutura assim o marca".[7]

[7] RABINOVICH. *O desejo do psicanalista – liberdade e determinação em psicanálise*, p.167.

Tomar a possibilidade de um movimento do necessário das associações à contingência de Escola seria uma forma de verificar o que Lacan indicou no seminário *O avesso da psicanálise*", quando comenta que "o todo do Um unificante é próprio do discurso do político e se opõe ao discurso analítico". Pois se a asserção HÁ PSICANALISTA demonstra a inexistência do universal do psicanalista, conformando a sua emergência à ordem do acontecimento, do não-todo, conjunto que, como o saber inconsciente, é aberto, e que por isso impõe a invenção "um por um" que cabe ao analista enfrentar a cada vez — não seria isso razão suficiente para incluirmos, pela contingência de um entre-lugar de escola, o impossível que habita a transmissão da psicanálise?



referências bibliográficas

LACAN, Jacques. Ata de Fundação. *Documentos para uma Escola, Letra Freudiana.*

LACAN, Jacques. *Lettres de l'École*, n.25, v.2, 1979.

PORGE, Erik. Dispersion et rassemblements des analystes. *Essaim*, n.1, 1998. p.7-14.

RABINOVICH, Diana. *O desejo do psicanalista – liberdade e determinação em psicanálise.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

VANIER, Alain. Encore, l'institution? *Essaim*, n.1, 1998. p.77-83.

resumo

O presente artigo visa a interrogar o estatuto do conceito de Escola à luz das modalidades lógicas: necessário, contingente e impossível. Para tanto, fundamenta-se na hipótese defendida por E. Porge quanto a um movimento de dispersão-conjunção característico dos agrupamentos que se referenciam ao ensino de Jacques Lacan desde a dissolução da Escola Freudiana de Paris e questiona a posição que pretende circunscrever a Escola apenas ao plano do necessário, fundamento da lógica do grupo.

abstract

The present paper intends to discuss the conceptual status of School in the light of the following logical modalities: necessary, contingent and impossible, as defined by Lacan. In order to do so, this discussion is based on the hypothesis presented by E. Porge which characterizes the existence of a movement of dispersion-grouping which is typical of the associations based on Lacan's contributions to the analytical scene since the end of the "École Freudiene de Paris". Besides, it questions the trend which attempts to restrict the School to the field of the necessary, which is based on the logic of the group.